

Tudo se ilumina  
para aquêle que  
busca a luz.

ה ל פ י ד

... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.

BEN-ROSH



(HA-LAPID)  
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm  
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.  
Rua da Fábrica, 80  
PÓRTO

# A misteriosa personalidade de Bernardim Ribeiro

(O TROVADOR DO AMOR E DA SAUDADE)

POR A. C. DE BARROS BASTO

## CAPÍTULO I

### Os primeiros passos duma investigação

Nos primeiros anos da nossa mocidade, nesse tempo em que em nosso peito a flor do amor abria as suas pétalas, as obras de Bernardim Ribeiro deleitaram a nossa alma, e nela deixaram uma impressão tão profunda e indelével, que, quando já as cans ornaram a nossa frente, se a memória nos fala desse trovador do amor e da saúde, ainda o nosso coração evoca a sua sentimental personalidade com uma não menos terna e sentida saúde.

Foi pois com aprazimento que li o estudo sobre Bernardim, feito pelo Dr. José Teixeira Rêgo e publicado no *Diário de Notícias*, (Lisboa, 7 de Novembro de 1925) e reproduzido na sua obra "Estudos e Controvérsias", (Pôrto, 1931). Não só pelo ali exposto, como também por conversas que tive com o autor, destaquei três pontos principais na sua tese:

1.ª — Bernardim Ribeiro era um judeu, ou melhor um cristão-novo.

2.ª — Era da família de Abrabanel.

3.ª — Era Judah Abrabanel, o célebre Leão Hebreu, autor dos "Diálogos de Amor".

A sua primeira afirmação estava para mim perfeitamente provada; a terceira regei-

tei-a imediatamente porque Judah Abrabanel fôra sempre judeu e nunca um converso ao cristianismo, nunca podia como judeu frequentar o paço de D. Manuel depois do decreto da expulsão e também porque nesse tempo estava em Itália; quanto à segunda afirmação era preciso procurar um Abrabanel que tivesse sido cristão-novo. Andando com isto no pensamento, súbitamente uma idéia me surgiu e que me mostrou que Teixeira Rêgo seguira uma boa pista. Havia um Abrabanel que fora cristão-novo e êsse era nada mais e nada menos que o filho de Judah Abrabanel (Leão Hebreu) que fôra mandado para Portugal, por seu próprio pai, com um ano de idade acompanhado por uma ama nos últimos dias de Julho ou primeiros de Agosto de 1492, por ocasião da expulsão dos judeus de Espanha. D. João II teve conhecimento da vinda desta criança para o seu reino e deu ordem para se apoderarem dela, e que feito foi. D. Manuel depois mandou baptizar êste rapazito que se chamava Isaac, como seu avô, e deu-lhe um nome de baptismo e um apelido diferentes dos que tinha. Tudo isto nos é relatado pelo próprio Judah Abrabanel no seu poemeto hebraico "Lamentação sobre o Destino".

Transmiti esta idéia a Teixeira Rêgo, que pouca atenção deu preocupado com várias fantasias. Após a sua morte alguns amigos, que conheciam o assunto das nossas conversas, incitaram-me a que investigasse para ver se encontrava fundamentos para esta minha hipótese.

Resolvi pois lançar-me nesta árdua empreza nos momentos da calma possíveis entre vários incidentes e acidentes da minha vida profissional militar e, após a minha retirada do serviço efectivo, entre vários aborrecimentos e contrariedades que a vida, por vezes, nos traz. Procurei ler o que vários escritores disseram de Bernardim e resumidamente darei aqui o que colhi de útil para a minha hipótese. Dos traços biográficos colhidos nas obras do nosso poeta e Eclogas do seu amigo Sá de Miranda falarei quando tratar da exegese delas.

Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), na *Europa Portuguesa*, escreve:

— «Oygamos un dos mas raros exemplos de amor en un pecho, de pena en un amante. Bernardin Ribeyro, hombre noble, y de nobilissimo ingenio, amava cordeal y puramente a esta Princesa (D. Beatriz) porque ella, como apreciadora de la Poesia benemerita, le honrava y favorecia com escuchar cuidadosamente sus versos, por que no eran ellos en lo afectuoso para oyir-se con descuydo.

...compuso aquel Libro tan estimado que intituló *Saudades*— y por las que Beatriz le dexó a el de su estimacion, ya por las que llevaba ella de su patria. Passó... a peregrino em Italia. Vió todas sus grandezas, y teniendo por mayor que todas su pena y el motivo della bolvió por Saboya. Sabiendo allí que Beatriz (no perdiendo la piedade de principes portuguezes, aunque perdiessse el vivir entre ellos) sahía en horas señaladas a poner-se en una puerta para dar limos na a los pobres, introduxose entre ellos para verla; y ella, reconociendo-le, mandole que no se detuviese en la ciudad, por que ya eram passados los dias de los entretenimientos antiguos de Palacio. Obedeciola en esto, mas no en acetar un socorro grueso que le ofrecia para bolver-se...

Deviose un escrito tan afetuoso a tan elevado amor; un amor tan notable a tan virtuosa Princeza; un vivir tristissimo a tanto sentimiento.

...O mesmo autor na *Fuente de Aga-*

*nipe y Rimas Varias*, diz tambem de Bernardim:

— Era natural de la villa del Torram, hidalgo de nacimiento e jurista de professiõ. Dio-se tanto a las amorossas passiones, i tristezas, i soledades, que de noche se quedava algumas vezes por los bosques, i a las margenes de los rios, gimiendo e llorando.

Resultóle esto de aver dado en el desatino de enamorarse profundamente da la Infanta D. Beatriz, hija del Rei D. Manuel, i ella, com irle dando cuerda (burlas de Palacio) le acabó de rematar. Escribio sus Eglogas, i otros versos a estes amores; i sus prosas intituladas la Menina i Moza ó Saudades de Bernardin Ribeyro, despues que perdió de vista la Infanta, que fue quando la llevaron a su marido, el Duque de Saboya IX en el Titulo, i III en el nombre de Carlos. Sucedió esta ausencia el año 1521 i a ella escribió la Cancion que empieza assi: *Desque o meu sol*, etc..

No que diz êste autor estou de acôrdo no que afirma dos amores de Bernardim com D. Beatriz; quanto a ser Torrão a sua terra natal, não aceito, mas acho possível que, quando D. João II mandou que dêle se apoderassem, dada a sua tenra idade, alguma familia da confiança do rei tomou o encargo da criança e essa familia viveria no Torrão; quanto à afirmação de que êle era jurista de profissão, embora tivesse freqüentado a Universidade onde travou amizade com Sá de Miranda não creio que êle se doutorasse pois nunca referência alguma apresenta o nosso poeta como Doutor, não se dando o mesmo com Sá de Miranda.

Manuel da Silva Mascarenhas, fidalgo da Casa Real e governador da Fortaleza de Outão, editou em 1645 *Menina e Moça* ou *Saüdades de Bernardim Ribeiro* e no Prólogo, diz: — «...tratei de dar à estampa êste livro: à uma, pela obrigação de portugûês, e a outra pela de parente do autor dêle, que era primo co-irmão de meu avô».

«O assunto do Livro são amores do Paço daquela idade e histórias que verdadeiramente aconteceram disfarçadas debaixo de Cavalarias, que era o que mais naquele tempo se usava escrever. O principal da história é sôbre coisa sua de certo amor ausente, cujas saüdades lhe acabaram a vida. Os nomes dos que falam no livro são as letras mudadas dos verdadeiros que se escrevem, como *Narbindel*, Bernardim;

*Avalor*, Álvaro; *Aonia*, Joana; e assim os outros. Intitulou-se *Menina e Moça*, e como o não compôs mais que para si, e foi parte de seus altivos e namorados pensamentos, como êle diz: que o livro o não fêz para nenhum ou para melhor dizer para um só, se não imprimiu em sua vida; por sua morte se achou entre os seus papéis ».

Êste autor nos indica que a *Menina e Moça* trata de amores do poeta no Paço e que são usados na obra anagramas e disfarces para mascarar factos verdadeiros. Apresenta-se o editor como parente de Bernardim, ora sabendo-se que os Mascarenhas do Torrão eram pessoas de confiança de D. João II (Bernardim Ribeiro e o Bucolismo por Teófilo Braga) vejo aqui um indício de que a família que tomou o encargo da criação do filhito de Judah Abrabanel era parente dos Mascarenhas e vivia no Torrão.

Almeida Garrett, numas notas do seu poema *Camões*, diz:

« Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é uma alegoria de seus altos amores do Paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a êste respeito. A sua morada na Serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, isto é a Turim onde se achava a Infanta D. Beatriz, casada com o Duque de Sabóia, são factos: o resto quem pode afixar ».

« Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos decifrada e decifrável do enigma da sua vida ».

Alexandre Herculano no *Panorama*, diz: *Os amores de Bernardim Ribeiro e a Infanta D. Beatriz*.

« Tradição antiga é o que o célebre autor da *Menina e Moça*, tivera largos amores com a Infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, a qual por conveniências políticas casou com o Duque Carlos de Sabóia.

« Todavia a história cala a êste respeito: o único homem que podia ter-nos dito alguma coisa sôbre tão tristes amores — Garcia de Rezende — que descreveu miudamente a partida da Infanta, era mui destro para haver de tocar em um ponto que ofenderia os pios ouvidos dos cortesãos de D. Manuel e de D. João III. Com efeito, se se ainda hoje parece incrível que um pobre cavaleiro trovador ousasse levantar os olhos para a filha do maior rei do mundo, quão

criminosos não pareceriam, então, amores tão desproporcionados? »

« Pôsto que a história seja muda em tal matéria, não o é quanto ao modo porque os portugueses olharam o casamento da Infanta. Damião de Góis nos conservou àcêrca disso uma memória curiosa: « no tempo (diz êle) em que se fêz êste casamento da Infanta D. Beatriz com D. Carlos, Duque de Sabóia, e ainda neste presente, há aí muitas pessoas, que dizem Duque nem em geração, nem em estado, tinha qualidades, porque lhe houvesse El-Rei D. Emmanuel de dar a sua filha por mulher, pôsto que fôsse segunda. »

« Seria porém a causa apontada pelo cronista a única da desaprovação que mereceu tal casamento? Não nos parece provável à vista do que vamos dizer.

« Entre os importantes manuscritos da biblioteca real existe um códice, que contém memórias avulsas de vários sucessos, nacionais e estranhos, da primeira metade do século XVI. É todo escrito pela mesma letra, a qual sem dúvida é daquele tempo. Entre outras coisas, aí se acha uma notícia da partida da Infanta, que completa a que nos deixou Garcia de Rezende, e nos dá a saber quão desgraçada foi a pobre D. Beatriz no seu casamento com o Duque Carlos, e que a idéia que da insuficiência e pouca nobreza dêste se fazia em Portugal nasceu provavelmente da pintura, que voltando à Pátria, os fidalgos e mais pessoas da armada deviam traçar do acolhimento que em Sabóia tinham achado. Damos na integra a notícia citada, sem nos cingirmos todavia à extravagante ortografia daquela época, não tendo ainda acertado a saber para que sirva conservá-la na publicação de antigos inéditos, se não é para dificultar a leitura dêstes. »

### A ida da Infanta para Sabóia

« O embaixador D. Claudio, do Duque de Sabóia, havendo o que desejava, que era a mais formosa Princesa, que se podia dizer, apressou sua ida em breve. El-Rei, vendo a sua vontade, e a do duque, que por cartas dava pressa à sua partida, ordenou uma mui boa armada de naus, galeões, caravelas e galés e muitos fidalgos honrados, e mui luzidos de muitos colares e chaparias. »

«E um domingo, e à segunda-feira, dia de Nossa Senhora das Neves do ano de 1521, fizeram mostra muitos fidalgos; e a Infanta Duqueza e embarcou êsse dia que eram 5 de Agosto, na nau Santa Catarina do Monte Sinai, nau de 700 tonéis, muito formosa, e de dentro, tôdas as câmaras da Infanta pintadas de ouro, e forradas de bordos. El-Rei e a Rainha acompanharam até dentro da nau; e a Infanta D. Isabel, sua irmã, ficou aquela noite com ela, e dormiu. Ao outro dia foi lá El-Rei e Rainha, e deram sarau, e trouxeram consigo a Infanta D. Isabel, espedindo-se todos da Infanta D. Beatriz, que não foram poucas as lágrimas dos espedimentos. Ao outro dia, que era quarta-feira, partiu do pôrto de Lisboa com esta frota.»

«A saber: a nau Santa Catarina, capitaina, e o Conde de Vila-Nova por guarda da Infanta e capitão-mor da frota.

O arcebispo de Lisboa na nau Vitória Nova, de 700 tonéis.

E 11 naus outras de 400, 200 e 50 tonéis.

E 3 galeões, 150 tonéis.

E 12 caravelas veleiras.

E 4 galés e 2 bragantins.

E 200 homens, com muita artilharia, armas, e instrumentos de folgar; e assim correram o mar; e a um domingo, dia de S. Miguel de Setembro do ano de 521 chegaram a Vila Franca de Niça, pôrto do Duque de Sabóia, a uma hora depois do meio-dia; e assim das naus como da vila se fêz gram festa da artilharia. E o Duque mandou pedir à Infante, que não dormisse na nau; e ela se escusou de sair por aquela noite, e vendo o Duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentis-homens, e lhe pediu que em tôda a maneira sãsse; ela o fêz por conselho do Conde, contra sua vontade, e de todos, e saíu com tochas; onde achou doze facas guarnecidas, para si e para as damas e alguns chibaus para os fidalgos, porque dali a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima era meia légua; e aí foram ter. E a Duqueza de Namuns (Nemours) irmã do Duque, e mãe de El-Rei de França, que aí estava, saíu fora ao terreiro das casas, onde o Duque pousava a receber; e aí se fizeram grande cerimónia, e cortezia, e dali foi com a Infante para dentro, e assim a Rainha por hospeda aquela noite. Ao outro dia pela

manhã fôra ouvir missa a um mosteiro de São-Domingos, pegado com as casas, e um cardeal que aí era, disse missa, e os benzeu.»

«O Duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rosto comprido, e feio de tudo; tem um ombro mais alto do que outro e é um pouco azumbado, e as pernas delgadas e muito prudente. A êste casamento eram vindos um cardeal e três bispos e um Marquês, e três Condes, e logo se tornaram. Em Niça estiveram oito dias, nos quais alguns justaram, e o Duque deu banquete aos portugueses; e ao cabo dos oito dias partiu com a Infanta para Piemonte; e à partida a Infanta se achou só em uma faca, com dois moços de estribeira; e como ia de cá acostuada de andar doutra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer, senão tornar-se às lágrimas, porque a mor parte dos portugueses eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiram, que assim lhes era ordenado do Duque; e ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes puzeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem avante. As damas iam em chibaus de aluquer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia de homem, caíndo a cada passo por seguir a Infanta, pranteando e chorando sua orfandade e a pouca honra e galsalhado que dos saboianos recebiam; e dizendo dêle muitas pragas, e a pouca virtude e honra com que as tratava.

A armada partiu de Vila Franca para Portugal, e vindo na costa de Grada (Granada) adoeceu o arcebispo de Lisboa, e se deixou ficar em Gibraltar onde faleceu; e tôda a frota chegou a Lisboa a salvamento a 5 de Dezembro de 521.»

\*

«Transcrevemos por inteiro esta memória, porque dela se podem deduzir violentas suspeitas que favoreçam a tradição dos amores da Infanta com o poeta. A má vontade com que ela desembarcou mostra que êste casamento não lhe era demasiadamente grato; todavia isso terá fácil explicação, se atendermos a que era impossível que não lhe constasse já quão galhardo e bem pôsto era o *azumbado* D. Carlos. Mas como se explicará o procedimento

daquele Príncipe depois de desposado com a Infanta, para possuir a qual tantas diligências fizera por alguns anos? Que causa poderia haver para afrontar, os senhores e cavaleiros portugueses, e, o que mais é de admirar em uma época na qual as tradições da cavalaria não tinham acabado de todo, para maltratar tão indignamente não só a Infanta mas as damas do seu séquito? Um motivo houve, por certo, para tão repentina mudança de proceder; para o saber com certeza debalde interrogaríamos as trevas do passado; mas pode aventurar-se uma conjectura; a notícia dos amores da Infanta com um cavaleiro português teriam chegado aos ouvidos do senhor de Vallaison (Cláudio) que revelaria a seu amo depois das núpcias, o terrível segrêdo que levara de Portugal, porventura o receio de que entre os que na viagem a acompanharam existisse o seu rival, e de que alguma das damas o favorecesse, viesse a acender o ciúme do Duque, e o obrigasse a partir logo para o Piemonte, embargando tão àasperamente o passo aos cavaleiros que iam após êle, com intenções cortezes. A leitura atenta da memória que transcrevemos parece dar grande pêso à conjectura que fazemos."

Conde de Sabugosa nas *Donas de Tempos idos*, diz:

"Não custa a crer também que a inocente beleza da Infanta seduzisse o impressionável autor da *Menina e Moça*, que saía dos serões do Paço cogitando naqueles versos, que dizem:

Se nasci por meu mal ver  
e não por vê-lo acabado  
melhor fôra não nascer  
que ver-me desesperado.

Amaram-se? Foi Beatriz a desditosa Aonia? Os críticos teimam em asseverar que tal não podia ser fundados em argumentos tirados dos próprios versos do poeta, da comparação de datas (prováveis pois as não há seguras para a vida de Bernardim Ribeiro), e de motivos de ordem moral, que nem sempre convencem, porque é sabido que em matéria de sentimento não são impedimentos nem a desproporção de idades, nem a desigualdade de jerarquias, nem muitas outras considerações sociais.

.....

Para a memória da Infanta D. Beatriz, e para o respeito que ela nos inspira nada importaria que se tivesse deixado enternecer pela platónica fantasia amorosa de um poeta bem aceito na Côrte, visto que a própria História nos dá notícia de como ela foi sempre intangível na sua reputação, dedicada ao desageitado marido, e como em Itália afastara suavemente, mas com firmeza, êsse poeta que lhe apareceu no Piemonte levado pela fôrça da sua paixão".

Em tão excelente companhia nenhuma dúvida tenho em afirmar que convicto estou da veracidade dos amores sentimentais de Bernardim com a Infanta D. Beatriz, mas vou continuando a citar outros autores, que nos indicam elementos de utilidade para o almejado fim.

(Continua).

---

## Catulle Mendes

---

Abraham Catulle Mendes, literato francês, poeta e comediógrafo, nasceu em Bordéus em 1847, e faleceu em 1909.

Seu pai chamava-se Tibulle Mendes e sua mãe Reine.

Seu pai e seus ascendentes, vindos de Portugal, eram banqueiros em Bordéus há mais de 100 anos.

Eram judeus portugueses intelectuais que emigraram da sua terra natal para evitar perseguições da Inquisição, e assim conservaram intactas a sua liberdade de pensar, a sua cultura e a sua elegância de espírito. Na sua residência bordeleza existe um quadro a óleo sóbrio e expressivo mostrando, no centro duma biblioteca onde brilham os tons quentes e os ouros extintos das encadernações antigas, um homem de belo aspecto, de discreta distinção, a larga fronte tocada de luz, os traços bem marcados, e que tem na mão a obra dum autor latino. Tendo traduzido Tibullo e Catulo, teve a idéia de dar o nome do primeiro a seu filho e ao seu neto o nome do segundo.

Em Maio de 1939 a cidade de Bordéus comemorou solenemente a recordação de Catulle Mendes. Entre outras homenagens uma placa foi colocada na casa onde nasceu.

# A MORTE NÃO QUIS TROCAR

Num humilde casebre, sem sol e alegria, no coração da Hara de Tunis.

A' cabeceira da cama de seu filho, Rebeca, taciturna, meditava. Duas vezes, a morte veio-lhe arrebatando o querido fruto das suas entranhas. Ai! Que mal tinha ela feito? Porque pecado o Deus justo lhe reclamava êste horrível resgate? Piedosa ela o era assim como seu marido, ambos viviam no respeito do Eterno e se afastavam do mal.

Sem contudo se desesperar, ela nutriu a esperança duma próxima maternidade. E a criança veio.

«Um filho!» exclamou a parteira agitando um pequeno ser todo côr-de-rosa que chilreava. Mas desta vez, a parteira não viu nos olhos dos pais êste orgulho judeu de ter um filho macho. Rebeca pedia com terror se tinha valido mais uma filha, pois que os seus filhos não escapavam. E Choa, seu marido, mascava o mesmo pensamento.

Só a avó Ester tinha acolhido a criança por *yu yu*.

No seu quarto, Rebeca tinha rasgado o papel cheio de sinais cabalísticos, de peixes vermelhos, de versículos apropriados para afastar o mau olhado. No sangue ainda quente duma bezerra sacrificada, ela tinha molhado a sua mão, depois floriu as paredes do seu quarto de impressões digitais.

Ela tinha amamentado o seu filho com abundância; os mais vigilantes cuidados envolveram os seus primeiros anos e, como uma planta saciada de seiva, a criança desenvolvia-se vigorosa e direita.

No quinto ano o mesmo pressentimento os tragou, ela e seu marido. Ano fatal para os seus outros filhos, seria ela desta vez mais atendida? Deus compadecer-se-ia enfim da sua desgraça?

O afogado das faces, o ardor vivo do olhar, o riso claro indicavam a saúde do pequeno Mochi.

Mas no comêço do Outono, Rebeca notou com aflição que seu filho emmagrecia. Para triunfar do mal sorrateiro, ela o fartou de comida. Uma noite, um barulho igual, surdo como um choque dum martelo a acordou bruscamente: Mochi, no seu sono, tossia fracamente.

A tosse! A tosse maldita!

— Nenhuma dúvida: o mal horroroso habitava o peito do seu pequeno. Então, ela aproximou-se dêle, ternamente o aconchegou todo contra ela, oferecendo-lhe o calor tépido do seu seio. E desde então, noite e dia sem descanso, a horrível tosse pontuou a sua dor de mãe. Então, ela mandou seu marido ir buscar o doutor.

— Não o mesmo, tinha ela recomendado: ela queria crer que o médico que tinha tratado os seus outros filhos trazia a pouca sorte.

Um outro veio, falou-lhes nos mesmos têrmos velados, mas ai! tão claros para êles, tão claros!

Durante um mês ela lutou, desesperadamente, sustentada pela sua fé no Eterno, que duas vezes desgraças sucessivas, idênticas, não tinha podido comover; ela lutava contra a sua rival macabra. E' porque ela estava a tornar-se má. Todo o dia ao pé de seu filho, ela assestava os seus olhos cheios de ódio sôbre aquêles que dela se aproximavam. Choa êle mesmo evitava o seu olhar duro onde se lia uma amarga censura.

Hatati! (eu pequei), lhe gritava ela por momentos, mas tu não sabes senão rezar! no mal que nos arranca um atrás do outro a carne da nossa carne, tu não ofereces senão a arma frágil da oração!

Ela olhava a sua velha mãe Ester com mais severidade ainda; ela não lhe perdoava, dir-se-ia, de viver tanto tempo, de acumular anos sôbre anos, de ter enfim um poente tão duradouro quando, na aurora da sua vida, os seus pequenos, inexoravelmente, eram ceifados.

Para enternecer Deus clemente e para se fazer perdoar, ela jejuava. Ela privava-se de alimento na esperança mística que o que ela perdia das suas fôrças iriam para o seu filho. Ela deu dum jacto esta vida que ela gastava lentamente em transes e jejuns.

Uma vizinha aconselhou-a de ir cair o túmulo do Rabi Haï Bessis; o grande santo que em reconhecimento interviria em seu favor. Uma manhã dirigiu-se ao cemitério, arrancou as ervas que invadiam, e o túmulo

conservado por as angústias das mães, tornou-se branco como uma mortalha.

Mas o mal prosseguia na sua obra devorante.

Uma outra lhe aconselhou de vender o seu filho; ela só se resignou a isso com pena; uma noite que a tosse extenuava o seu pequeno, ela correu à pressa bater à porta do habir Jossef (gato-pingado), o qual, mediante 12 piastras, consentiu em comprar a criança. E, desde então, tôdas as sextas-feiras, Jossef, levava à Rebeca o produto do seu peditório; porque Mochi devia estar para o futuro ao encargo das boas atmas piedosas.

Mas o mal piorava sempre.

Disseram-lhe que era uma praga rogada pelos invejosos. Para o conjurar, ela mandou vir a melhor Kheffafa (benzedeira) da cidade. A exorcista tinha pôsto na sua mão direita um punhado de sal e recitou palavras misteriosas rodando a sua mão sôbre a cabeça do doente, sete vezes para a direita e sete vezes para a esquerda. Depois Mochi tinha cuspidado sôbre o sal; um delgado fiosinho sangüinolente nadava na saliva.

Ai! Porque não tinha atendido à sua inquietação?

Ai! Cada dia mais sôbre a débil criatura, a morte infame applicava as suas ventosas.

Entretanto, tinha passado o cabo do Inverno e, no coração doloroso da mãe, a Primavera ia fazer florir uma esperança efémera, como êle.

Uma noite, com efeito, Rebeca notou gemidos que saíam do quarto onde sua mãe dormia. Dum salto, ela foi ao pé dela.

— Mãe, que tens?

— Minha filha, eu sufoco. Ai! É aqui, parece-me que me puseram um sacco de chumbo! E a velha torcia-se sôbre a sua cama baixa.

Uma alegria maldosa estremeceu no coração de Rebeca. Milagre! Sua mãe tinha o mesmo mal de seu filho! Muito baixo, ela agradecia a Deus compassivo que aceitava tomar a avó em lugar do pequeno. Sem dúvida, pensou ela, como-vida das minhas infelicidades, ela ofereceu-se em sacrificio, nas suas preces. E o Eterno, que rejeitou os meus votos, atendeu os seus.

Rebeca pegou nas suas mãos a mão descarnada e levou aos seus lábios.

— Mãe! Mãe! murmurava ela, cheia de alegria e de dor, cobrindo-a com os seus beijos e com as suas lágrimas.

No dia seguinte, a tosse tinha acalmado bruscamente; a esperança inundou o seu coração. Mas eis que, fatigada, Ester exigia que a tratassem, que a socorressem, e Rebeca consternada, repartia-se entre seu filho e sua mãe. Uma multidão de idéias confusas acometia o seu espírito.

A mesma vizinha, que lhe havia aconselhado de vender o seu filho, segredou-lhe uma noite ao ouvido:

— Oh! minha irmã, debes recear que Ester se cure antes de Mochi. O provérbio diz: "Se o velho se levanta antes, êle devorará o pequeno".

E desde que ouviu isto, Rebeca, que nisso pensava com abalo viu crescer a sua angústia.

Dilema pungente! Alternativa cruel! Sua mãe ou seu filho! Ai! como ela se oferecer-se-ia com entusiasmo em seu lugar! Mas a morte, instalada à cabeceira da cama dos doentes, reclamava um dos dois, com extrêma avidez.

Rebeca via a sua mãe lutar ásperamente contra o abraço gelado, em quanto que o seu pequeno se abandonava sem defesa.

Ela tratava descuidadamente a sua mãe, não por vontade determinada, nem por desejo inconfessável, mas porque, primeiramente, ela devia salvar o seu filho.

Entretanto, Choa, por caridade, substitua a sua mulher ao pé da doente. Êle estava todo o dia sentado numa esteira e rezava. Logo que a ouvia queixar-se, levantava-se, dava-lhe o remédio, arranjava a coberta sôbre o seu corpo emmagrecido.

— Que Deus te abençoe, meu filho!

— Que Deus afaste de nós o mal! repetia êle baixinho.

E a vetha, uma tarde de Verão, levantou-se com fome. Rebeca viu-a aparecer bruscamente no seu quarto! Á sua vista, ela estremeceu, e deu um grito rouco.

O quê? Deus arrepender-se-ia? Sua mãe lastimaria, de repente, o seu sacrificio? No último momento, o terror ter-lhe-ia feito recuar?

Essa noite, Mochi tossiu mais do que o costume; o lenço com o qual ela lhe enxugava os lábios tingiu-se de vermelho. Doida de dor, Rebeca deixou o quarto, abriu a porta da rua e, de joelhos sôbre a soleira

da porta, perante o céu mudo, ela invocou uma última vez o Deus dos Justos.

— Oh meu Deus, evita-me o luto! Porque é que a tua severidade se encarniça sobre mim? Os meus lábios nunca proferiram blasfêmias e as minhas mãos nunca espalharam a iniquidade. A tóda a hora do dia, eu abençou-o o teu santo Nome...

E levantava os braços para tomar os céus em testemunha da sua angústia.

— Quando os olhos gastos não puderam mais encher-se do com o esplendor do dia, é justo, oh meu Deus, que tu despaches a morte. Mas o meu filho ainda não conheceu nenhuma felicidade. O meu pequeno partirá sem ter experimentado as alegrias dos tefilines, nem as de espôso, nem de perpetuar o seu nome.

Ai! Os olhos que mal se abriram, que res tu fechá-los para sempre? Se tu, contudo me deixares eu educa-lo-ei na tua crença, no teu amor, para a tua glória? Se eu mereço a tua ira, pune-me mesmo na minha carne, poupa, poupa o meu filho. Oh meu Deus! porque me concedes a alegria de ser mãe se tu me despedaças depois? ... Fere com a esterilidade as minhas entranhas malditas antes que de me dar esta dobrada ferida ...

Ela chorou lágrimas mais numerosas que as estrêlas que a escutavam tremeluzentes.

Ao romper do dia, Ester levantou-se completamente curada. E à noite do mesmo dia, depois de ter esvasiado o seu peito, o pequeno Mochi foi reünir-se aos dois anjos que lá nas alturas o esperavam ...

Como tódas as judias que, neste mês de Ab, deixam as suas jóias, Rebeca se viu despojada do seu único enfeite.

Junto da sua espôsa enlouquecida que o acusava de ter morto o seu filho e que repete a estranha frase: "A velha devorou o pequeno!". Choa, a quem uma tosse também minada surdamente, recitou as lamentações de Job:

Os dias de aflição atingiram-me...

Quando eu esperava o bem, o mal veio para mim, quando eu esperava a claridade, as trevas vieram... O homem nascido da mulher é duma vida curta; êle sai como uma flor e que depois é cortada ...

(De *L'Univers Israélite*).

Ryvel.

## Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 114)

### TÍTULO XXVI

#### **Do Judeu, ou Mouro, que anda em hábito de Cristão, nomeando-se por Cristão**

Porque houvemos por informação, que alguns Mouros e Judeus se vestem em hábitos de Cristãos, nomeando-se por Cristãos, e conversando com êles nom sendo conhecidos por aquêles, que verdadeiramente são; e isto fazem por haverem azo de pecarem com algumas Cristãs, e fazerem mais ligeiramente alguns outros malfícios na Cristandade; e porque isto é grande mal, e coisa de mau exemplo: Pomos por Lei e mandamos, que se algum Mouro, ou Judeu fôr achado na Cristandade em hábito de Cristão, nomeando-se por Cristão, e conversando

com Cristãos, e por tal havido entré êles, que tal como êste logo por êle mesmo feito sem outra sentença seja nosso cativo, e possamos dêle fazer mercê a quem nos aprouver, assi como de coisa nossa. E se por ventura fôr achado, que no tempo que assi usava como Cristão, cometeu algum malfício, por que mereça pena de justiça; Mandamos que se faça com êle a justiça, segundo fôr o malfício que houver cometido; cá nom é nossa tenção, que por assi ser nosso servo, se deixe de fazer em êle justiça, se fez coisa porque a mereça.